

GRAVIDEZ PARTO E SAÚDE

“O útero não é o lugar onde a vida acaba. É onde ela começa...” Assim diz a campanha na televisão. E a cada dia, nós mulheres lutamos para afirmar esta verdade. A gravidez e o parto são momentos de afirmação de um mistério da existência, onde a mulher demonstra seu poder de agir como um ser da e na natureza. Onde a mulher afirma um poder – o de dar passagem à vida. Um momento envolto em beleza, susto, contentamento, múltiplos e diferentes sentimentos.

E por ser tão importante, a gravidez têm sofrido, ao longo de muitos anos, séculos, milênios, as mais diferentes formas de explicação, valorização/desvalorização. E de controle. Pois, para garantir a dominação de homens sobre as mulheres, nada melhor do que controlar seu corpo, sua sexualidade, sua fertilidade, bem como seu poder de gestar. Seu poder de escolha entre parir ou abortar.

Por isso que, a Inquisição, promovida pela igreja católica

na idade média, perseguiu e queimou nas fogueiras milhões de mulheres. As que tinham o conhecimento dos mistérios da fertilidade, do tratamento de doenças e eram parteiras. E passou este poder para homens – os médicos!

O resultado: nós mulheres nos afastamos cada vez mais de um saber que nasce dentro de nós mesmas e que foi transmitido por outras mulheres. Hoje em dia, quantas acreditam nas suas intuições sobre seu próprio corpo? Quantas sabem cuidar-se? Você sabe?

Mas nós mulheres estamos lutando para retomar o que é nosso. Nossos saberes. Nossos poderes. O que significa dizer que estamos buscando uma nova aliança com profissionais de saúde. Queremos um diálogo aberto, troca de opiniões – e não o monólogo de um ou uma profissional coberto de desatenção e preconceitos.

Gravidez não é doença nem incapacidade. Portanto, nós mulheres exigimos que os serviços de saúde ajam para garantir a manutenção da saúde de nosso bebê e a nossa também.

É para isto que serve o pré-natal. E para que possamos reaprender o que esquecemos, recuperar o que perdemos. Consultas e exames devem servir para isto – e é nossa obrigação fazer com que seja assim.

Não aceite menos do que é o seu direito. E conte conosco nesta luta!



Foto • Leni Riefenstahl

SOMOS ESPECIAIS

por Elizabeth Campos

Foi uma gravidez muito desejada e querida. Além de me sentir protegida, vivia a expectativa do nascimento de minha primeira filha.

Até que, sem muito entender, via que algo de diferente acontecia. Em um misto de negligência, discriminação e descaso, me vi em uma sala de parto: sofrida, sozinha, com um médico insensível e uma filha quase desfalecida saindo de mim.

Foi quando percebi o quanto é especial amar quem você até então não conhecia e se vê pronta a dar sua vida por ela.

Foi quando percebi a marca de minha vida e a grandiosidade de ser mãe.

É quando percebo o quanto é especial para mim, após um dia estafante de trabalho e compromissos com terapeutas, ser recebida e acolhida por um sorriso

sincero, um abraço carinhoso e um beijo que envolve minh'alma.

Contar a minha história nesta forma poética é o meu jeito de agradecer a minha querida Cristine, ao meu companheiro de todas as horas e ao amor que tenho pela minha Carol.

A Caroline teve hipóxia (baixa de oxigênio) ao nascer, comprometendo assim seu desenvolvimento.

É legítima a reivindicação de um serviço de saúde mais humanizado e profissionais sensibilizados às demandas da sociedade. Isto quer dizer um serviço de saúde que visa dignidade, igualdade de direitos a todos e respeito a esta sociedade pluralizada.

É momento de conclamar solidariedade e empatia aos portadores de necessidades especiais para que mais políticas públicas e direitos sejam assegurados.

RECONHECENDO O MISTÉRIO...

Foi a escritora Sônia Hirsch, no livro *Só Para Mulheres*, descreveu o mistério da gestação de uma forma tão linda que deu vontade de mostrar para você. O texto chama-se **MULTIPLICAÍ-VOS**:

“- **A**conteceu, ela sabe. Está lá dentro, viva, mexendo, uma coisa que não estava antes. Intuição? Que seja, muitas mulheres têm certeza sobre a noite exata em que aquele espermatozoide teimoso conseguiu penetrar na dura casca do óvulo, à custa de muita cabeçaça...

E ela sabe porque sente diferente, especial, num estado de contentamento por tudo e por nada, com aquela luz brilhando lá dentro: todo filho é um Jesus no ventre da mãe que se apronta.

Agora já não há mais óvulo nem espermatozoide, eles se fundem numa célula só que dali a três semanas será o embrião do novo ser. Seu destino está traçado por 46 cromossomos e milhares de genes que determinam olhos, cabelo, pele, tamanho, tipo, traços, habilidades, personalidade.

Aquela minúscula cintilância que é o ovo vai descendo trompa abaixo, duplicando o número de suas células o tempo todo, mas sem crescer. Quatro ou cinco dias depois, já com umas 500 células, chega ao Útero.

Chega e fica uns dias por ali, meio preguiçoso, como quem assunta. Encosta na parede do útero, que a esta altura está bem grossinha, bem sangüínea, pronta para o que der e vier. Se o ovo ficar, ela o nutre; se não ficar, paciência, menstrua-se.

Mas pelo jeito ele fica, porque de repente libera uma enzima que come uma parte desse tecido e forma um ninho para se alojar.

Issso é lá pelo oitavo dia. Mais uns três ou quatro e o precioso ovinho está solidamente implantado. A partir

daí dobra de tamanho todo dia. Ainda pode ir embora, não vingar. 50% dos óvulos fecundados fracassam sem a mulher nem saber que estava grávida, mas este ela sabia.

A placenta começa a se formar. Logo depois surge em esboço de coluna vertebral, mais uns dias e lá estão meia dúzia de vértebras, o comecinho dos olhos e o do coração.

Na altura da sexta semana já tem cabeça, intestinos, cérebro, comecinho dos braços e das pernas, células do aparelho reprodutor. Na sétima, o peito e a barriga estão formados, começam a surgir os pulmões. Isso tudo num embrião minúsculo de um centímetro e meio, pequeno e leve como um botão de roupa...

Na oitava semana o princípio do rosto, os dedinhos, os ovários ou testículos, o pintinho. Já parece um minúsculo bebê.

Na décima semana o rosto está adiantado, o coração bate de 120 a 160 vezes por minuto e o embrião é promovido a feto.

No final do terceiro mês a cabeça se desenvolveu tanto que o bebê, ou a bebêia, é um cabeção.

Com 4 meses não só já tem unhas como decidiu jogar futebol e está treinando; ganhou uma penugem que recobre o corpo todo, começa a ter cílios e sobrancelhas.

Com 5 meses pesa meio quilo, mede 30 cm e pode ter muito cabelo.

Dos 6 em diante é só crescer e engordar, para um belo dia sair lá de dentro e alguém dizer: **NASCEU!**”

INFORME

RACISMO MATA!!!

MORTALIDADE MATERNA NO RIO DE JANEIRO

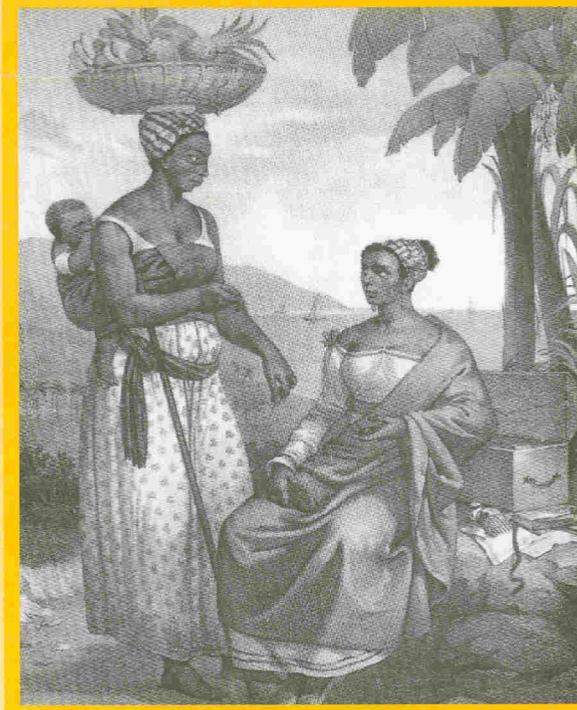
Os dados da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro informam: preconceito faz mal à saúde da mulher.

Para provar isto, podemos lançar mão de uma informação importante: os índices de mortalidade materna no estado. Mortalidade materna é a morte de uma mulher devido a problemas que acontecem durante a gravidez, o parto, o aborto ou o puerpério. Em condições normais os índices devem ser baixos, uma vez que gravidez não é doença. E poucas mulheres apresentam problemas neste período de suas vidas. Eu disse em condições normais, com tudo funcionando bem. Principalmente a capacidade dos serviços de saúde de realizarem um bom pré-natal e uma boa assistência ao parto. Mas, infelizmente, na realidade do Brasil e do Rio de Janeiro, não é isto

que acontece. O atendimento ruim à saúde da mulher traz graves conseqüências. Entre elas, a mais grave é a morte materna – principalmente se considerarmos que a grande maioria das mortes de mulheres neste período poderiam ser evitadas.

Os dados coletados pela Secretaria de Saúde no ano 2000 informam que a principal causa da morte de mulheres neste período da vida foi a

negligência de profissionais – havia solução para o problema apresentado pela mulher, havia condições no hospital (equipamentos, exames, profissionais, etc) para resolvê-lo. E ainda assim, não se fez nada ou muito pouco. E as mulheres morreram!! Jovens, férteis, ativas. E tantas famílias formam desestruturadas! Tantas crianças ficaram órfãs! E tudo por negligência!



Os dados informam também que tais tragédias aconteceram nas periferias, nos serviços de saúde que atendem às mulheres pobres. Nos serviços que atendem as mulheres negras!!!

O preconceito é mortal e muitas mulheres descobrem isto da pior maneira!

É preciso dizer não. É preciso chamar a responsabilidade de profissionais e gestores de políticas de saúde. É preciso, também, chamar a polícia, pois racismo é crime e não pode ficar impune.

A cada uma de nós cabe a tarefa de lutar pela vida de nossas irmãs, amigas, filhas, conhecidas e desconhecidas. É tarefa nossa lutar por melhores condições de saúde e por um atendimento adequado a nós mulheres. E para banir o racismo e o preconceito dos serviços de saúde. Agora! Já!

EXPEDIENTE

Edição e redação: Jurema Werneck

Colaboradoras: Regina de Castro e Elizabeth Campos. Sônia Hirsch: Só Para Mulheres – e homens que gostam de mulheres. Edição da autora. 1994.

Projeto Gráfico: Luciana Costa Leite • Tiragem: 5.000 exemplares

Este Boletim foi financiado por: **Public Welfare Foundation**



CRIOLA

Av. Presidente Vargas, 482, sl. 203 • Centro • Rio de Janeiro
Brasil • CEP 20070-000 • Telefax. (21) 2518-6194 • 2518-7964

Endereço Eletrônico: criola@alternex.com.br

Página: www.criola.org.org

GRAVIDEZ, DESINFORMAÇÃO E PRECONCEITO

DOR REGINA DE CASTRO

Para falar deste assunto tive que retroceder 20 anos... Fiquei grávida pela primeira vez aos vinte anos. Não tinha, apesar da idade, o menor conhecimento sobre o assunto. Não como se fica grávida, claro, mas como se cuida dela e que direitos eu e o bebê tínhamos, começando pelo pré-natal até a maternidade. Fui poucas vezes ao médico e quando a criança nasceu, senti pela primeira vez como nós mulheres negras e jovens éramos tratadas. Logo que chegamos à maternidade, eu e minha mãe, havia uma moça na nossa frente e a recepcionista perguntou a ela se era casada e com quem ela estava. Ela estava com a mãe e era solteira. Como resposta, a recepcionista disse que não tinha vaga. Ficamos preocupadas pensando para onde nós iríamos. Mas tivemos uma surpresa: para mim havia vaga. Sabem porquê? Eu era casada.

Aos vinte e três, após um aborto, estava sem saber como fazer para não engravidar. Pílulas pareciam não funcionar - será que as usava direito?. Ginecologista, nem passava pela minha cabeça. Conversando com um grupo de amigas no trabalho, uma delas me deu a solução mágica: laqueadura de trompas. Ela conhecia tudo. Como fazer, o valor, o lugar. Ficamos encantadas. Resolvidos os caminhos para chegar ao paraíso, lá fui eu.

Aos trinta anos achava que era esta a melhor idade para se ter filhos. Estava estruturada emocionalmente, com mais experiência, enfim adulta. Mas, e aí? Se o paraíso já não era tão bonito assim. Pela desinformação, já tinha feito o que não é aconselhável a mulher nenhuma em qualquer idade. A laqueadura. "O sonho de se ter prazer sexual sem engravidar". Apesar de que a pílula já existia, era muito mais seguro se fazer a laqueadura. O risco de esquecer e a famosa frase "tenho certeza que tomei o remédio e falhou" não aconteceria mais.

Dezessete anos depois, sem esperar, eis que surge ela. Estou grávida. Como? E a laqueadura? E a camisinha?

Sem a preocupação da gravidez, claro que não usei a camisinha. Me esquecendo das doenças sexualmente transmissíveis, confiando sei lá em que e em quem.

Ea laqueadura? Milagre ou obra da natureza? Não sei. Mas ela foi feita e com muita certeza.

Agora mais experiente e através de amigas, lá fui eu para o pré-natal, numa boa maternidade do estado, em um programa para mulheres de gravidez de risco (jovens e mulheres acima de 35 anos). Tudo feito como manda o figurino, lá fui eu para a maternidade, achando que agora o caminho para se ter o bebê seria mais tranquilo.

Cheguei bem, com as dores naturais. Sentei no sofá da recepção esperando minha vez, quando chegou uma jovem acompanhada de sua irmã. Estava assustada e não deveria ter mais de quinze anos. Aliás, as duas estavam assustadas. O rapaz que estava atendendo não deu a menor atenção para ela. Ele estava vendo um jogo de futebol na televisão. Todos que estavam lá, na sua maioria mulheres, estavam em desespero: a menina estava dando a luz na portaria e ninguém se incomodava. A pobre coitada

gritava de dor e parecia que a maternidade estava vazia. Até que minha irmã, junto com outra mulher, deram um ataque e quase invadiram a sala dos médicos para que a menina fosse atendida.

Na verdade eles não tiveram o menor trabalho, pois foi só a menina entrar para a sala de pré-parto para o bebê nascer. Só uma pessoa ficou zangada. Porque como ela não tinha feito um pré-natal, a médica não sabia se a menina tinha ou não o vírus do HIV - e não usou luva ou qualquer outra medida para prevenir infecção... Nossa, foi um Deus nos acuda!

Tudo bem. Passado o susto, lá fui eu. As dores aumentaram e nada do meu bebê nascer. Ninguém fazia nada. Só se escutava uma palavra "calma".

Estavam comigo muitas meninas, algumas sozinhas ou acompanhadas de suas mães, aguardando a hora do parto.

Logo minha filha nasceu e lá fui eu para a enfermária. Ao chegar, pude perceber como somos tratadas. Mulheres preocupadas com seus filhos que não estavam bem, porque ao sentirem dores - e claro aquela famosa dor de barriga que é a preparação do nascimento - foram autorizadas a ir ao banheiro sem acompanhamento e seus bebês nasceram lá.

Uma delas já estava lá há quase um mês, pois a criança quase caiu dentro do vaso sanitário. A outra teve a sorte de segurar antes que caísse no chão.

Mães que perderam seus filhos no nascimento, juntas com outras que tinham seus filhos bem e saudáveis, pedindo por favor para dar de mamar, só para sentir o prazer da amamentação... Fora o desrespeito dos médicos ficarem dizendo para nós o tempo todo que no próximo ano nos encontraríamos de novo. Como se fossem os deuses da adivinhação. Até a mulher que fazia a faxina da enfermária sentiu-se no direito de falar mal da mulher que tinha feito um escândalo na noite anterior para ter o filho (que, por um acaso, esta mulher era eu).

Passado tudo isso, estou hoje ainda pensando nestas mulheres jovens. Como será que elas estão? E a saúde destas mulheres e crianças? Será que a previsão dos deuses da adivinhação deu certo e elas retornaram no ano seguinte? E, principalmente: o preconceito destas maternidades continua?

Como será que somos olhadas quando engravidamos? Ser pobre, ser mulher e jovem, negra, é motivo para tanto desrespeito?

Enossa saúde e dos nossos filhos e filhas como fica?

Duas maternidades diferentes, em tempos diferentes. 20 anos de diferença. Será que a Carmela Dutra e o Herculano Pinheiro mudaram suas atitudes?

Hoje sou uma mulher feliz porque meu anjinho nasceu com saúde e feliz. Acredito que muitas dessas mulheres também se sentem como eu.

Não tenham medo de ter seus filhos e se tiverem que gritar, façam como eu: gritem e depois sorriam.